



Arquivo pessoal

**A publicitária
Fernanda Feitoza
com look totalmente
adquirido em brechós**

A tendência sustentável que veio para ficar

Brechós e bazares têm ressignificado o consumo e ganhado espaço nas redes sociais e em feiras de moda

POR LETÍCIA MOUHAMAD*

Brechós e bazares sempre existiram, porém costumavam ser alvo de preconceitos por pessoas que se recusavam a utilizar roupas usadas, seja por desconfiarem da qualidade do produto, seja por considerarem essa forma de consumo algo ligado a classes mais baixas, revelando também um preconceito social.

Hoje, esse cenário tem se modificado, mesmo que lentamente. Os consumidores, especialmente os mais jovens, têm se revelado mais críticos em relação à origem das peças que utilizam, e grandes marcas já foram alvos de boicotes por estarem ligadas a suspeitas de trabalho escravo. “A moda sempre se renova: nada se cria, tudo se adapta e se copia. No máximo, inova-se. Com as mídias sociais facilitando a troca de experiências, brechós e bazares ficaram mais populares e atraíram maior público”, ressalta a modelista e consultora de imagem Ana Thainá.

E ressalta uma grande vantagem. No que diz respeito ao preço e à qualidade, Thainá acredita que compensa muito mais consumir uma roupa de marca, mesmo que mais cara, do que itens de fast fashion,

que se desfazem rapidamente. Peças com maior durabilidade podem atravessar décadas mantendo-se em perfeito estado. E, caso não sejam mais interessantes para quem as comprou, os brechós e bazares podem ser um ótimo destino.

Por isso, a dica da consultora de imagem é: “O guarda-roupas não precisa ser um amontoado de ninharias, mas uma coleção, bem selecionada, de peças que são versáteis e úteis para cada pessoa, seguindo o seu estilo”.

Costume antigo

Para a publicitária Fernanda Feitoza, o costume de comprar em brechós e bazares começou desde cedo, quando ainda era criança, porém, ela se lembra que, na época, não era um mercado bem visto e, talvez, por conta disso, não tinha tanta visibilidade. Anos depois, esse contato se intensificou quando a mãe fundou o próprio brechó, o Bombaú, no qual ela trabalhava e contribuía com algumas de suas roupas. A partir daí, o interesse só aumentou e a jovem passou a consumir peças de vários brechós de Brasília.

Com o Nasty, brechó dos amigos, Fernanda passou a acompanhar